

*Epigrafía Religiosa en Lenguas Locales del Occidente Mediterráneo*

Está disponível a versão impressa da tese de doutoramento de Gabriela de Tord, *Epigrafía Religiosa en Lenguas Locales del Occidente Mediterráneo*, publicadcada pels Prensas da le Universidad de Zaragoza, dirigidas por Pedro Rújula. ISBN: 978-84-1340-593-3.

Recorda Francisco Beltrán, no prólogo, que a obra se insere numa linha de investigação em curso naquela Universidade, «el estudio conjunto de manifestaciones epigráficas diversas pero coetáneas así como de la evolución diacrónica de las prácticas epigráficas, independientemente de la lengua en que estén redactadas».

Volume de mui densas 700 páginas com os seguintes oito capítulos: introducción, consideraciones de método, estudios, análisis conjunto, observaciones finales, correspondencias, bibliografía e anexos.

De maior monta – para além, claro, da análise de conjunto (suportes, lugares de achamento, conteúdo dos textos e ‘outros aspectos’) – será o capítulo ‘Estudios’, dado que aí se apresentam catálogo e imagens e se faz o estudo exaustivo das inscrições de índole religiosa (descartando as duvidosas) em língua osca, em dialectos sabélicos, em língua umbra, venética, rética, gaulesa, ibérica, celtibérica e lusitana. Panorama exaustivo, portanto, a permitir, doravante, que os investigadores disponham de elementos bastantes para novos horizontes se rasgarem.

A autora destaca, em jeito de síntese (p. 604-606):

- o facto de a maior parte das epígrafes ter a pedra como suporte;
- a circunstância de não haver uma tipologia de monumento epigráfico específica para este tipo de mensagem, na medida em que se encontram pedestais, estelas, lâminas, placas;
- 80% dos textos estudados provém de «lugares de culto», 60% mesmo de «santuários monumentalizados», mormente na península itálica; não há, porém, evidência de que, nesses locais, atendendo à relativa quantidade de epígrafes, para além das prática religiosa propriamente dita, tivesse funcionado como que uma escola de escrita (o que não impede, comento eu, que aí não tenha havido uma oficina epigráfica, como se nos afigura mui plausível ter existido no santuário ao deus *Endovellicus*, no Alandroal);
- a maioria das divindades veneradas são de origem local, habitualmente não citadas no texto epigráfico logo no seu início mas no fim (ao contrário do que se passa com as inscrições romanas), atestadas de modo especial num único sítio, o que, no entender da autora, significa a ausência de «panteões étnicos», quiçá à excepção do que se passa na Lusitânia, onde «se aprecia una mayor repetición de los teónimos»; excepção que Gabriela de Tord justifica por estarmos perante «inscripciones tardías, muy influidas por la práctica epigráfica romana y con

frecuencia redactadas parcialmente en latín y por personas de nombre parcial o totalmente romanizado» (p. 605);

– não é comum a referência a magistraturas ou sacerdócios e é bem diversa a tipologia dos textos;

– predominam as dedicatórias ou oferendas e, por vezes, a própria epígrafe constitui essa oferenda;

– neste rol de epígrafes acaba por se verificar ser difícil pressupor a intenção do ofertante: pretende-se uma reciprocidade («dou para que tu dê») ou trata-se de mera acção de graças, precedida, ou não, de um pedido?

Bibliografia quase exaustiva (p. 625-675), tabelas sinópticas e mapas complementam eficazmente este verdadeiro tratado, com cuja publicação vivamente nos congratulamos.

*José d'Encarnação*